

18 a 21 de maio DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS 2022

18 de maio

10h30 | Casa de José Régio - Centro de Documentação José Régio

- José Régio, "a quem o Divino Senhor do Silêncio apaixonadamente fala" [parafrazeando Arthur Lambert da Fonseca] com Maria de Fátima Lambert, curadora, crítica de arte, investigadora e professora.

Esta conversa está integrada, na iniciativa **Cartografias Artísticas e Literárias**, inserida num ciclo de conversas em torno dos espólios/universos que compõem as bibliotecas particulares de José Régio e Julio/Saúl Dias, que acontecerá trimestralmente.

“Propõe-se um itinerário personalizado pelas prateleiras da Biblioteca de José Régio na [Casa-Museu J.R./Vila do Conde]. Perante a listagem de existências no acervo bibliográfico, evidenciou-se a presença de autores brasileiros, na maioria contemporâneos de Régio. Por outro lado, destacam-se volumes de poesia portuguesa do séc. XIX e XX. Quer num, quer noutra caso, assume-se, esses títulos (e seus criadores) integram a lista pessoal de afinidades eletivas (Goethe dixit) – ainda que por motivos e em tempos diferentes. Várias rotas poderiam ser definidas, outras também, associadas a temas e nomes trabalhados ao longo de investigações sucessivas.

No caso, optou-se por empreender viagens além-tempo, ainda que no espaço da casa-museu, atravessando o fio cronológico. Lançam-se e retraem-se palavras e imagens, advindas de ambas bandas do Oceano Atlântico – Brasil e Portugal. Nesses escritores, intuíram-se empatias frásicas e cumplicidades estéticas, no confronto a fragmentos verbicos regionais, onde, talvez, subjaz o silêncio.

O elemento agregador – para direcionar este percurso surgiu, ao descobrirem-se, na listagem de títulos na Biblioteca, três obras de Arthur Lambert da Fonseca. Deste autor, sobressaiu o inesperado da dedicatória caligrafada na folha de rosto do livro: *Jogos Cromáticos* - cujo teor e poemas, confesso, desconhecia de todo quando o escolhi.

Jogos cromáticos, jogos hermenêuticos, possibilidades singularizadas para conjeturar e sentir. Imaginam-se as viagens que os livros causaram, e suscitam, em leitores de tantas gerações, semeando ideias e ações: “Os dados estão lançados...”

Veremos como o itinerário se consubstancia, abeirando-nos do rochoso e belíssimo litoral.

A biblioteca [de José Régio] converte-se num mirante para o mundo.”

Maria de Fátima Lambert

14h30 | Museu das Rendas de Bilros

Vamos falar de rendas de bilros - conversa com rendilheiras dos ranchos de rendilheiras do Monte e da Praça, os ranchos mais antigos do Distrito do Porto.

Com uma etnografia muito própria e com os seus trajes impregnados de rendas de bilros e objetos que entram na sua manufatura, os ranchos (rivais, como convém) - cantam sobretudo o S. João, as rendas e as rendilheiras e mantêm, em Vila do Conde, ininterruptamente, a festa em honra do Santo Padroeiro, com intervenções muito marcantes em três acontecimentos: a grande Noite de S. João (com marchas, folia e exibição dos ranchos, cada um no seu local próprio), a Ida à Praia de Vila do Conde (com o povo dividido pelos dois ranchos, a pé,

percorrendo várias ruas da cidade, mas com passagem obrigatória pelo mar, para lançar as suas cantigas) e a Procissão de S. João (sentido momento religioso, com um préstito onde se incorporam os andores de S. João, Santo António e S. Pedro - os Santos Populares).

19 de maio

10h30 | Exposição permanente “Vila do Conde, Tempo e Território” - Núcleo central do Museu de Vila do Conde - Centro de Memória

Vamos falar de memórias bacalhoeriras - conversa com Jaime Pião, antigo pescador bacalhoeiro, que partilhará a sua relação e experiências vividas a bordo do pequeno bote, o dóri, que integra a coleção do extinto Museu do Mar.

Apoio da Associação Bind'ó Peixe.

“Memórias bacalhoeriras ,sobre o bote ou dóri ,sim esse pequeno bote que muito nos dizia ,pois eu com meu bote me entendia muito bem ,as vezes falava com ele ,cantava prá ele e ele ouvia e por vezes era meu concelheiro ,e por vezes me chamava atenção ,pois quando já estava carregado ele me dizia ,olha lá ,toma cuidado ,porque já não aguento com mais bacalhau ? ,aí eu dava volta a sola e ia para o meio ,lugar do homem era um sempre ,no meio do bote e aí fazia contas ,e falava com o bote ,mas ainda aguentas com mais uma vintena de bacalhaus ? aí o bote gemia ,e dizia toma cuidado que eu já estou pelas bordas e se não te cuidas ,posso ir ao fundo ,depois tens que nadar ,mas com esta água gelada não aguentas mais do que três ou quatro minutos na água ,por isso cuida-te eu também não quero te deixar ficar mal mas olha pela tua vida ? ,ok ,dizia eu ,acho que vou meter pendão para ver se a baleeira bem aliviar ,e assim era ,a bordo estava sempre alguém de vigia ,se não era o Capitão era o Imediato ,ou o Piloto se havia a bordo ,porque nem todos os navios tinham piloto ,mas havia sempre alguém de vigia ,o pior era mesmo quando estava nevoa ,e as vezes era mesmo nevoeiro bravo sem se ver nadinha ,mas cada um sabia o que fazer ,na hora da verdade era desenrascar e era a lei do saber ,por isso o bote era o seu navio e o pescador o seu Capitão ,com nevoa era safar a agulha de marear e através dos sinais de buzina do navio ou sirene ,era marcar e navegar ao rumo ,mas por vezes as correntes também enganavam o pescador ,e muitos se perdiam por momentos ou horas e ouve quem se perdeu por dias ,mas poucos ficaram graças ao bom Deus...”

Jaime Pião

14h30 | Casa de José Régio - Centro de Documentação José Régio

Vamos falar de José Régio - conversa com o Prof. António Martinó Coutinho, sobre as memórias do poeta, por quem assume profunda admiração e gratidão.

“A primeira fase começa pelo início dos anos 40 do século XX, na Pensão 21, em Portalegre, onde José Régio tomava refeições na companhia da hospedeira, D. Rosalina. Continua pelos anos vividos no Liceu local, com artes diversas pelo meio e termina com uma carta de recomendação.

As memórias retomam-se entre as décadas de 50 e 60, no seio da vida aventureira do grupo juvenil Amicitia, em que Régio intervém até ao final da sua carreira profissional e da própria estadia em Portalegre, concluída num episódio incomum.

Em 1984, a pretexto dos 15 anos entretanto decorridos sobre a sua morte, Régio será reencontrado. E festejado.

A imprensa e a rádio locais constituem, a seguir, veículos para prolongar essa grata lembrança. Dez anos depois é o tempo da geminação entre as duas (principais) terras de José Régio, Vila do Conde e Portalegre, renovando-se memórias e realizações a tal propósito.

Um volume de crónicas (lagóias) e um blog (Largo dos Correios) entram mais tarde na relação dos suportes aptos à continuação da homenagem. Algumas outras iniciativas “privadas”, à margem das “oficiais”, também contam.

Episódios soltos, mas significativos, vão inserir-se a espaços numa sequência que garante a permanência regular da memória regiana.

Os Passos de Régio em Portalegre constituem o mais recente testemunho pessoal alusivo ao autor da Toada.

Até ver...”

António Martinó Coutinho

20 de maio

10h30 | Exposição permanente “Vila do Conde, Tempo e Território” - Núcleo central do Museu de Vila do Conde - Centro de Memória

Vamos falar de sustentabilidade - conversa com Patrícia Azevedo, fundadora e mentora do Projeto Green Diamond (escolhas eco-conscientes e medicina natural), do Movimento Share Your Green Diamond e do Second Hand Green Diamond.

“Sou mãe e esta experiência transformadora contribuiu para uma mudança que se sentia urgente e necessária! No inevitável decorrer do tempo, surgiu quase que por magia um reencantamento pela natureza que despertou em mim a vontade e a necessidade de fazer escolhas mais ecológicas e conscientes a todos os níveis e nas mais diversas áreas: na saúde, na cosmética, na higiene, na alimentação e até nas limpezas de casa.

Deste facto, surgiu a minha constante busca pela informação para colmatar as diversas necessidades, frequentando diversos workshops e cursos dedicados ao benefício do uso das plantas e à sustentabilidade nas nossas ações: curso de eco cosmética, Aromaterapia na EMAC (Escola de Medicina Alternativa e Complementar), o curso de Medicina Natural na EMAC; diversas palestras sobre desperdício 0...

Deste fascínio, desta vontade de ser e de viver de acordo com valores humanos, sustentáveis e amigos das nossas casas, que é o nosso corpo físico e o planeta terra, surge a criação da Green Diamond (escolhas eco-conscientes e medicina natural) em 2017 e os seus projetos internos: o Movimento Share Your Green Diamond e o Second Hand Green Diamond. Pura economia circular nas mais diversas ações do que se é ser circular com reciprocidade.

Propomo-nos com estes projetos e todas as ações que estes preconizam, levantar reflexões profundas sobre como conseguimos ser seres humanos mais integrais, mais conscientes e suficientemente capazes para através do exemplo contagiar a nossa sociedade de forma positiva.”

Patrícia Azevedo

21 de maio

10h30 | Alfândega Régia - Museu de Construção Naval

Vamos falar de sustentabilidade e valorização da Cultura Costeira - apresentação da instalação artística “**Fernão Magalhães**”, criada a partir de lixo recolhido das praias, seguida de conversa sobre o **Mar de Experiências**, projeto pedagógico de valorização da cultura costeira de Vila Chã, da autoria de Teresa Azevedo e Bruno Costa.

Com muito orgulho da sua terra, Teresa Azevedo e Bruno Costa decidiram que queriam deixar uma marca na história de Vila Chã, freguesia de Vila do Conde com uma enorme tradição piscatória. Pelo caminho, entrevistaram vários membros da comunidade piscatória com muitas aventuras para contar. Os seus nomes haveriam de batizar os animais e aves que foram criados com lixo recolhido no areal das praias, sobretudo durante o inverno.

Este foi um pontapé de saída para um projeto que usa a arte para alertar para a poluição marítima. A aventura começou em 2017. A primeira exposição reuniu muitos dos pequenos objetos que iam recolhendo, dispostos de forma organizada, outros em sequência colorida e alguns combinados para recriarem animais marinhos. Os painéis deram origem à exposição “Praia — Outras Perspetivas”. Daí para cá criaram as exposições ‘Biodiversidade Que Nos Conta História’, que tem 12 elementos da biodiversidade de Vila Chã e que, conta a história e a evolução da pesca”, e “Lixo que nos Conta História”

Uma das últimas paixões de Bruno Costa é a criação de rostos feitos com plástico apanhado nas praias. A ideia de criar rostos detalhados e em tamanho grande desenvolveu-se e fez nascer a face do explorador marinho Jacques Cousteau, a do Tio Rão, um pescador local e figura icónica de Vila Chã e a do navegador Fernão Magalhães.

Para além de exposições, da criação de esculturas, da realização de workshops com crianças e famílias, onde fazem animais como sardinhas ou bacalhaus com lixo e cada participante monta o seu, também já contam com a edição de 3 livros para crianças.

21h30 | Alfândega Régia - Museu de Construção Naval

A Guitarra Portuguesa em **concerto** com o jovem músico Rafael Campos

Entrada livre

Rafael Eusébio de Almeida Campos, nascido a 27 de agosto de 2001, natural de Vila do Conde, começou a tocar guitarra portuguesa aos 8 anos de idade. Foi o primeiro aluno do ensino artístico especializado em música, em guitarra portuguesa, do Conservatório de Música de Vila do Conde, na classe do professor Márcio Silva. Participou em duas “Mostras Musicais do Eixo Atlântico” na representação da cidade de Vila do Conde, como solista. Alcançou uma “Mención infantil “David Russel”” e um “Prémio Honorífico “David Russel””, no concurso com o mesmo nome, em 2014. Frequentou várias masterclasses com instrumentistas / compositores, como: Hugo Vasco Reis, Miguel Amaral, Paulo Soares, Ricardo Rocha e Pedro Caldeira Cabral. E, desde 2019, frequenta a Licenciatura em música- variante de instrumento, na Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, na classe do professor Custódio Castelo. Tem se apresentado nos últimos em vários concertos e em diversos contextos.